

Refletindo acerca da orientação sexual na educação infantil

(Reflecting on sexual orientation in early childhood education)

Ana Claudia Barato¹; Everton Luiz de Oliveira² (O)

¹Graduação-Centro Universitário UNIFAFIBE – Bebedouro – SP
anacbaratounifafibe@gmail.com.br

² (O)Centro Universitário UNIFAFIBE – Bebedouro – SP
evertonoliveira@unifafibe.com.br

***Abstract.** This study aimed to determine if the teachers in the teaching profession children in education develop related sexuality. It is defined as a qualitative research and descriptive nature, that resed the instrument collects a questionnaire with closed questions. The sample participants were composed of 18 teachers from the municipal education from early childhood education to a small municipality in the state of São Paulo. The results indicate that teachers have information on the importance of infantile sexuality, but do not plan activities directed to the frill development of child. It was concluded that the absence of pedagogical content related to sexuality in initial formation, contributed to the unpreparedness of teachers in tangent to the offer of a social Education in Childhood Education.*

***Keywords:** Childhood Education. Sexuality. Child. Sexual Orientation.*

***Resumo.** A presente pesquisa objetivou verificar se os professores, no exercício da docência na Educação Infantil, desenvolvem trabalhos relacionados à sexualidade. É definida como uma pesquisa qualitativa e de cunho descritivo, que utilizou como instrumento de coleta um questionário com questões fechadas. A amostra de participantes foi composta por 18 professores da rede municipal de educação junto à Educação Infantil de um pequeno Município do interior do Estado de São Paulo. Os resultados apontaram que as professoras têm informação sobre a importância da sexualidade infantil, mas não planejam atividades voltadas para o desenvolvimento pleno da criança. Concluiu-se que a ausência de conteúdos pedagógicos relacionados à sexualidade na formação inicial, contribui para o despreparo dos professores no que tangencia a oferta de uma Educação Sexual na Educação Infantil.*

Palavras-chave: Educação Infantil. Sexualidade. Criança. Orientação Sexual.

1 Introdução

O termo sexualidade surgiu no século XIX, valendo-se do desenvolvimento de diversos campos de conhecimento, mudando a rotina e realidade social, afetiva e emocional dos indivíduos, os quais passaram a ser incentivados a reconhecer e valorizar sua conduta, sentimentos, deveres, prazeres, sensações e sonhos estreitos ao sexo (FOUCAULT, 2001).

Por esse viés, pode-se apreender a sexualidade como a configuração de um campo de saber e de conhecimento (BEDIN; MUZZETI; RIBEIRO; 2012), que pode ser traduzido como o acúmulo de sensações, práticas, experimentações e consciências que narram à histórica sexual de cada pessoa e da sua coletividade.

Isso justificaria, ao menos em parte, os motivos que levaram a sexualidade serem tão discutida e problematizada na atualidade, já que projeta os esforços da sociedade para entender e moralizar os hábitos, costumes e prazeres sexuais dos indivíduos, demonstrando como devem gastar sua energia produtiva, governar suas famílias e o casamento em prol de sua coletividade (GARTON, 2009).

Outro ponto a destacar no que tangencia a sexualidade trata do surgimento de medidas, ações e políticas que visaram educar ou moralizar as pessoas (inclusive as crianças) para que vivam uma sexualidade que esteja alinhada com valores sociais, religiosos e econômicos vigentes (LEÃO, 2009).

Inúmeros acontecimentos acabaram modificando a maneira como as pessoas passaram a entender a sexualidade. A família, por exemplo, vem modificando atitudes e valores em torno de seus membros e revelando novos tipos de união entre casais (GOLDANI, 1993). Segundo Sánchez (2009, p.13), “há até pouco tempo, a homossexualidade e a família eram duas realidades irreconciliáveis, sendo que somente se podia pensar em uma família com os pais e filhos heterossexuais”.

As transformações que ocorreram ao longo dos tempos colaboraram para o surgimento de novos valores, comportamentos, desejos e rotina que, em última análise, também atingiram o campo da sexualidade humana, ocorrendo assim à necessidade de medidas para organizar a vida sexual das pessoas, principalmente, das crianças e adolescentes.

Assim sendo, surgiram às primeiras iniciativas para desenvolver programas de Orientação Sexual nas escolas, já que junto com a família e a igreja, a escola formava uma

complexa rede de disciplinamento e moralização da sexualidade das crianças (LEÃO, 2009). Com relação às crianças, Figueiró (2006, p.6), contribui afirmando que “a sexualidade é uma das questões que mais tem trazido dificuldades, problemas e desafios aos educadores, no seu trabalho cotidiano de ensinar”. Dentre estas a falta de conhecimento e o despreparo dos professores em relação à sexualidade, ou seja, a má formação desses profissionais.

Nos primeiros anos de vida escolar a criança constrói suas concepções sobre gênero e sexualidade na relação individual e social. Pensando nisso é que os governos passaram a utilizar as instituições escolares para desenvolver temas relacionados à sexualidade das crianças, intuindo educar e disciplinar seus hábitos, pensamentos e práticas sexuais.

No Brasil, durante o período de 1978 a 1980, observa-se, então, no meio educacional o interesse pelo tema da sexualidade, o que contribuiu para a realização de Congressos envolvendo a temática da Educação Sexual, dentro e fora dos espaços escolares. Em 1989, por exemplo, a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo incluiu os trabalhos relacionados à Orientação Sexual, inicialmente, nas escolas de primeiro grau (SAYÃO, 1997), visando à prevenção, a doenças sexualmente transmissíveis e a AIDS, portanto somente utilizar de informações não é necessário para obter comportamentos preventivos (BRASIL 2000).

Entende-se assim que a Orientação Sexual é um processo que ocorre desde o nascimento e é preciso ter claro que na Educação Infantil, invariavelmente, a sexualidade também é um fenômeno que se manifesta de diversas formas, impondo-se como um cenário rico e valioso para o desenvolvimento integral das crianças. Neste sentido, a família, os meios de comunicação e a escola são os principais espaços de estruturação da sexualidade, levando as crianças a se adaptarem às exigências e comportamentos construídos e cobrados pela sociedade (LEÃO, 2009).

Já em 1995, o Ministério da Educação e do Desporto (MEC) propõe que seja incluído nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino fundamental, esforços e ações que versem sobre temas salutar para todas as áreas/disciplinas, nomeados como temas transversais, envolvendo campos como a ética e saúde, meio ambiente, pluralidade cultural e orientação sexual na educação de primeiro grau, propondo uma renovação nos currículos escolares (BRASIL, 1997).

Ainda, nessa mesma trama de orientações, normativas e documentos, atendendo à Lei 9.394/96 (LDB) forja-se o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), documento que se integra à série dos PCNs, para que possa auxiliar na realização do trabalho

pedagógico, sendo esse um “guia de reflexão de cunho educacional sobre objetivos, conteúdos e orientações didática para os profissionais que atuam diretamente com crianças de zero a seis anos, respeitando seus estilos pedagógicos e a diversidade cultural brasileira”, referente às creches e pré-escolas (BRASIL, 1998).

Segundo Maio, Rosa e Mendonça (2011, p. 131), “mesmo havendo leis de incentivo que apóiam o desenvolvimento dessas questões ainda assim percebemos que há uma grande dificuldade do professor em discuti-las no espaço educativo – essa dificuldade existe, pois não se oferece formação adequada para tratar à temática”.

Parte-se, então, da hipótese de que as atividades relacionadas à sexualidade e desenvolvidas pelos professores de Educação Infantil, não acontecem com frequência e em determinados casos inexistem ou apenas ficam restritas a um contexto puramente biológico.

Se confirmada a hipótese destacada acima, observar-se-á um descompasso na educação das crianças no concernente à temática da sexualidade, já que segundo Albertini (1997, p.69), “uma educação que não acolhe e que não propicia condições para a satisfação da curiosidade sexual infantil, está inibindo não só essa curiosidade, mas o próprio desenvolvimento pleno da racionalidade humana”. Em contrapartida, “a criança bem informada aceita a sexualidade como fenômeno natural, não sofre de angústias em relação às fantasias errôneas e sabe se cuidar” (SUPLICY, 1990, p.44).

Para que uma Orientação Sexual aconteça de maneira satisfatória e eficiente em termos pedagógicos e didáticos é preciso que o educador compreenda as atitudes e posturas que deverão ser tomadas em certos momentos, possibilitando analisar e refletir acerca do ensino e vivência da sexualidade junto à Educação Infantil. Assim sendo, a presente pesquisa objetivou verificar se os professores, no exercício da docência na Educação Infantil, desenvolvem trabalhos relacionados à sexualidade.

2 Método

Essa é uma pesquisa de caráter qualitativo e cunho descritivo, destinou-se a verificar se os professores, no exercício da docência na Educação Infantil, desenvolvem trabalhos relacionados à sexualidade. Para tanto, segundo Vilelas (2009, p.121):

[...] a preocupação primordial dos estudos descritivos radica em descobrir algumas características fundamentais de conjuntos homogêneos de fenômenos. [...] descreve uma realidade. O investigador acerca-se da realidade, procurando descrever e documentar os fenômenos que nela acontecem.

Cabe ressaltar ainda que as pesquisas que são de natureza quantitativa observam apresentar os achados dos estudos em leituras numéricas, quantificando os resultados e apresentando-os por meio de gráficos ou tabelas.

3 Local

A presente pesquisa foi desenvolvida na rede municipal de ensino de uma cidade de pequeno porte, situada no interior do estado de São Paulo.

4 Participantes

Aceitaram participar da presente pesquisa 18 professoras que atuam como docentes junto à escola de Educação Infantil em um Município de pequeno porte no interior do Estado de São Paulo. Para melhor definição dos participantes segue, logo abaixo, o quadro contendo a caracterização desse grupo.

Quadro1- Definição dos participantes

Participantes	Sexo	Idade	Tipo de Formação	Tempo/exp. Ed. Inf.	Pós Graduação
A	F	39	Pedagogia e Magistério	20 anos	Sim
B	F	37	Pedagogia e Magistério	3 anos	Não
C	F	42	Pedagogia e Magistério	22 anos	Sim
D	F	37	Pedagogia e Magistério	10 anos	Sim
E	F	37	Pedagogia e Magistério	10 anos	Não
F	F	37	Pedagogia e Magistério	15 anos	Sim
G	F	45	Pedagogia e Magistério	22 anos	Sim
H	F	42	Pedagogia	2 anos	Não
I	F	49	Pedagogia	4 anos	Não
J	F	36	Pedagogia e Magistério	7 anos	Sim
L	F	46	Pedagogia	20 anos	Sim
M	F	48	Pedagogia e Magistério	22 anos	Sim
N	F	46	Pedagogia e Magistério	23 anos	Sim

O	F	51	Pedagogia e Magistério	22 anos	Sim
P	F	45	Pedagogia e Magistério	20 anos	Sim
Q	F	49	Pedagogia e Magistério	23 anos	Sim
R	F	33	Pedagogia e Magistério	3 anos	Sim
S	F	58	Pedagogia	26 anos	Não

Fonte: Elaboração própria

5 Aspectos Éticos

A pesquisa que ora se apresenta foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário UNIFAFIBE, estando sob o número 708.956/2014. Salienta-se também que após a aprovação junto ao referido Comitê de Ética, foi realizado uma reunião com os gestores da escola e, posteriormente, com os pretensos participantes da pesquisa, intuindo apresentar informações e esclarecimentos sobre as etapas e objetivos da pesquisa, enfatizando a importância da participação e envolvimento na pesquisa. Para todos os professores que aceitaram participar da pesquisa, no momento do encontro, solicitou-se que assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

6 Coleta e Análise de Dados

Para coleta de dados foi utilizado questionário com questões fechadas e de múltipla escolha, elaborado a partir de adaptações realizadas no instrumento cunhado por Leão (2009). Posteriormente, o questionário foi enviado para dois juízes independentes para que fizessem apontamentos e correções intuindo melhorar a sua estrutura e confiabilidade.

No concernente às análises, salienta-se que na presente pesquisa optou-se por utilizar estatísticas descritivas com base no emprego de gráficos. Os quais permitiram apresentar os resultados obtidos em cada questão aplicada aos participantes ou sujeitos da pesquisa. Logo, os gráficos foram utilizados por representaram de maneira clara o comportamento dos participantes no que tangenciou as escolhas para cada item observado no questionário.

7 Resultados e Discussões

A presente seção apresentará resultados obtidos durante a fase de coleta de dados. Para tanto, optou-se por discuti-los por meio de cinco gráficos que serão representativos de cinco temas centrais: gráfico 1- Atuação do professor face à temática da sexualidade (Q1, Q2, Q3 e Q4); gráfico 2 - Responsabilidade e comportamento sexual na infância (Q5, Q6 e Q7); gráfico 3 - Planejamento de conteúdo envolvendo o tema Sexualidade (Q8, Q9 e Q10); gráfico 4 - Relação afetiva entre os alunos e a organização do espaço para vivenciar a sexualidade (Q11, Q12 e Q13) e gráfico 5 - A sexualidade como extensão dos valores morais, para melhor clareza e compreensão a cerca dos aspectos estudados e analisados.

A seguir, será apresentado um quadro contendo a disposição de cada questão em seus respectivos temas centrais e, posteriormente, seguir-se-á com a análise por meio de estatística descritiva:

Quadro 2- Distribuições das questões em temas centrais.

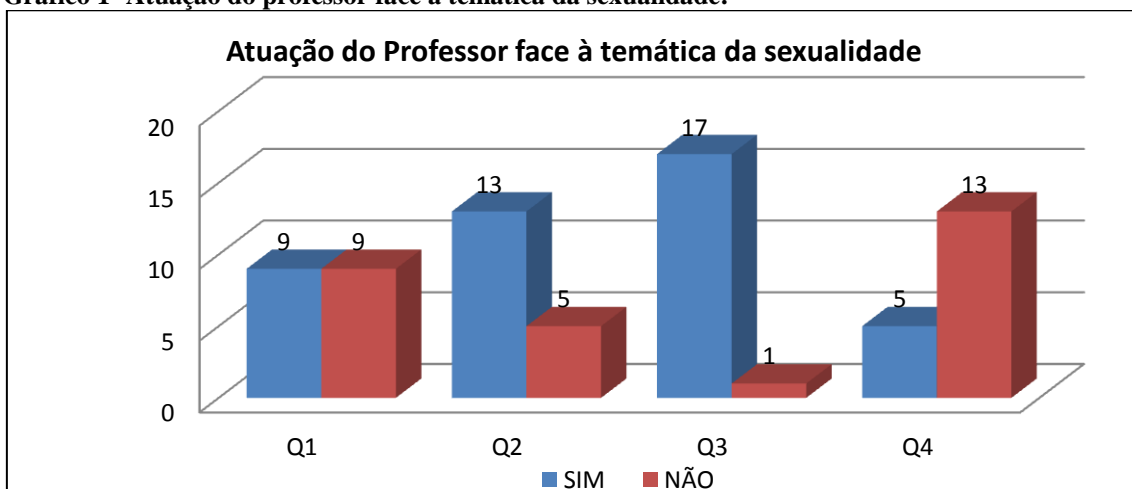
Temas	Distribuições das Questões
Atuação do professor face à temática da sexualidade.	Q1- O curso de Graduação em Pedagogia ofereceu conhecimentos e vivências sobre como tratar do tema sexualidade em sala de aula? Q2- Você se considera apto (a) para trabalhar com orientação sexual na educação infantil? Q3- Você tem conhecimento de que os documentos RCNEI e PCN abordam o tema sexualidade e orientação sexual? Q4- Tem dificuldade em trabalhar a sexualidade com as crianças?
Responsabilidade e comportamento sexual na infância	Q5- Na sua opinião a orientação sexual é responsabilidade de quem? Q6- Na sua opinião, falar sobre sexualidade com a criança afetará seu comportamento e fará com que perca sua inocência? Q7- Existe uma idade adequada para tratar sobre a sexualidade com as crianças? (Se a alternativa escolhida for sim, responda qual a melhor idade).
Planejamento de conteúdo envolvendo o tema Sexualidade	Q8- Como avalia a importância de desenvolver o tema sexualidade no contexto da Educação Infantil? Q9- Ao fazer o planejamento semanal, quantas vezes por semana suas praticas educacionais são voltadas para a sexualidade? Q10- Sabemos que é natural que as crianças tenham curiosidade a respeito da sexualidade. Você conversa com seus alunos sobre questões relacionadas à sexualidade?
Relação afetiva entre os alunos e a organização do espaço para vivenciar a sexualidade	Q11- Com que frequência seus alunos fazem perguntas relacionadas à sexualidade? Q12- Nas brincadeiras é permitido relações de afeto, abraços e carinho? Q13- Durante os jogos e brincadeiras com a turma, as crianças jogam/brincam:

A sexualidade como extensão dos valores morais	Q14- As crianças ao “brincarem” com o corpo estariam despertando mais cedo para a sexualidade? Q15- Ao se deparar com um aluno se masturbando, qual seria sua atitude?
--	---

Fonte: Elaboração própria

O GRAFICO1 revela dados obtidos nas questões 1, 2, 3 e 4. Na primeira questão, nove professoras responderam que obtiveram conhecimentos e vivências sobre sexualidade no curso de Pedagogia e, no entanto, nove responderam negativamente. Ao admitir que “a Educação Sexual é reconhecida como fundamental no meio escolar, em todos os níveis de ensino, e, para que isto seja alcançado, é imprescindível o investimento na formação dos educadores” (FIGUEIRÓ, 2007, p.11), observa-se um descompasso no concernente à formação dos professores que participaram da pesquisa, já que como apontado no Gráfico 1 (Q1), apenas 50% deles responderam que tiveram conteúdos relacionados à sexualidade em sua formação.

Gráfico 1- Atuação do professor face à temática da sexualidade.



Fonte: Elaboração própria

Com relação à Q2, cabe ressaltar que os dados obtidos mostraram que a maior parte das professoras, ou seja, 13 delas responderam que estão aptas a desenvolver trabalhos relacionados ao campo da Orientação Sexual com seus alunos. Apenas 5 responderam

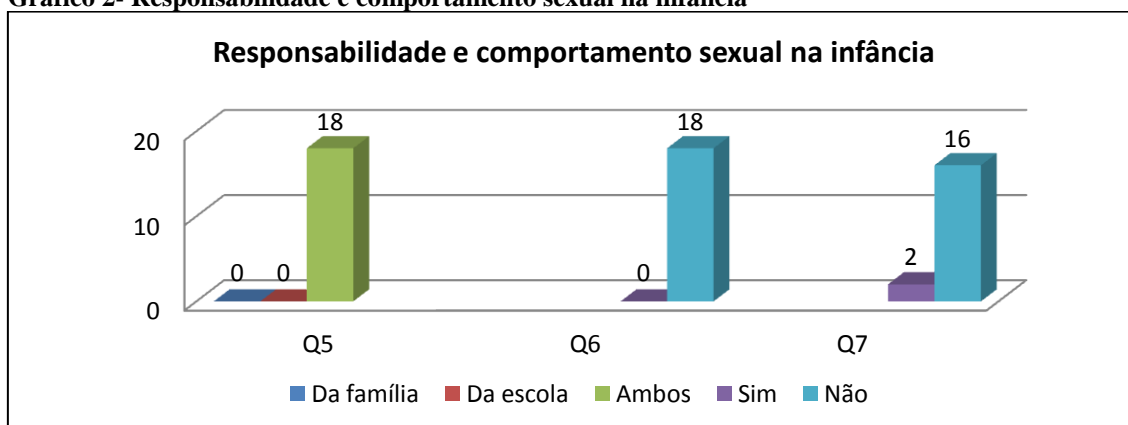
negativamente e esse padrão de resposta denota que a escola e os professores ainda não entenderam a importância de desenvolver projetos de Orientação Sexual junto aos seus alunos. Ao pensar que programas de Orientação Sexual na sala de aula são de extrema importância para o desenvolvimento emocional e intelectual da criança (LEÃO, 2009), esses aspectos da formação podem estar sendo negligenciados pelos professores que responderam não estarem aptos a desenvolver trabalhos relacionados à sexualidade.

Ao observar os resultados obtidos na Q3, nota-se que 17 professoras afirmam ter conhecimento de que os documentos RCNEI e PCN abordam o tema sexualidade e que indicam a necessidade de desenvolver projetos relacionados à Orientação Sexual e apenas um disse desconhecer essa informação. Já que a maior parte das professoras afirmou ter esse conhecimento, projeta-se a hipótese de que reconhecem a importância de desenvolver temas e conteúdos ligados à sexualidade infantil e entendem o respaldo desse trabalho em termos de legislação e políticas educacionais.

A questão 4 (Q4), identificou se as professoras expressavam ter ou não dificuldade em trabalhar junto ao universo da sexualidade com seus alunos. Os achados revelaram que 13 professoras afirmaram não ter dificuldade em trabalhar a orientação sexual e cinco responderam que possuíam dificuldades. Verifica-se assim que os resultados acabam contrariando até mesmo algumas perspectivas encontradas na literatura que versam sobre a grande dificuldade encontrada por professores para discutir e refletir sobre assuntos estritos ao campo da sexualidade, como afirmado por Maio, Rosa e Mendonça (2011).

Todavia, é preciso analisar com cuidado o resultado obtido nessa questão, já que como a metade desses participantes disse não ter obtido conhecimentos e conteúdos sobre sexualidade durante a formação, pode-se indagar sobre quais os espaços e momentos em que adquiriram conhecimentos, leituras e informações voltadas ao ensino e aprendizagens da sexualidade no espaço escolar, já que como afirma Leão (2009, p.119), os professores que trabalham com essa temática “devem receber preparação, pois poderão se deparar com ocasiões em que exijam tal formação”.

O GRÁFICO 2, apresenta resultados das questões 5, 6 e 7. A questão 5 (Q5), verificou a opinião dos professores quanto à responsabilidade de desenvolver atividades e trabalhos voltados à orientação sexual das crianças e os participantes foram unânimes em defender que essa tarefa caberia tanto ao professor quanto à família do educando.

Gráfico 2- Responsabilidade e comportamento sexual na infância

Fonte: Elaboração própria

Esses achados vão ao encontro da literatura especializada consultada, na medida em que essa permitiu verificar que para a maioria dos estudiosos o trabalho sobre sexualidade, no que tangencia a educação e formação de crianças, caberia tanto à família quanto à escola e aos professores (SUPLICY, 1990; POOLI, 2001; DAHLBERG; MOSS; PENCE, 2003; LEÃO, 2009; BEDIN; MUZZETI; RIBEIRO, 2012).

De acordo com a Q6, todos os professores afirmaram que os trabalhos e atividades envolvendo o tema sexualidade não afetariam o comportamento das crianças no sentido de afetar sua inocência, mesmo para aqueles que frequentam a Educação Infantil. Ao pensar que a criança na escola tem a oportunidade iniciar sua inserção em contextos próprios do exercício da cidadania e ser beneficiada por meio de processos formativos e de interação com outras crianças e com outros adultos que permitem a construção de sua identidade (DAHLBERG; MOSS; PENCE, 2003), os participantes demonstraram compreender a profundidade e pertinência do desenvolvimento de conteúdos estreitos sexualidade de crianças no exercício da docência, assim como defendido nas políticas educacionais (BRASIL, 1997).

Por muito tempo as escolas reforçaram a ideia de que a criança era inocente e assexuada, silenciando, negando e deixando de lado o emocional e a sexualidade infantil (RIBEIRO; SOUZA; SOUZA, 2004). Atualmente, no exercício da docência, encontram bastantes professoras que conhecem a existência e a importância do desenvolvimento da sexualidade de crianças e jovens (BRASIL, 1997, 1998).

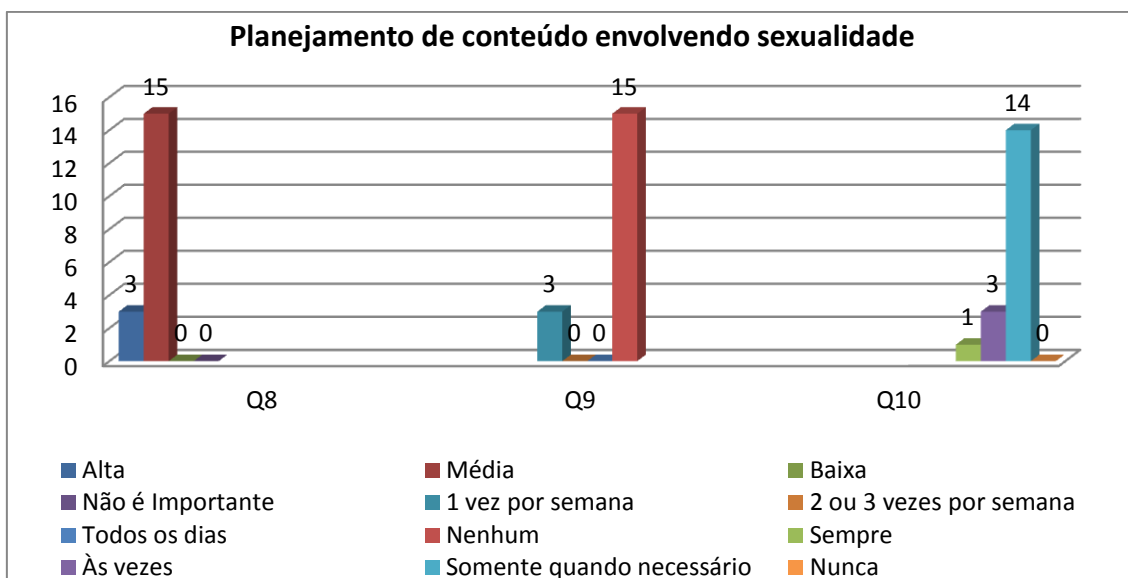
Ainda, levando em consideração o Gráfico 2, temos a interpretação dos resultados obtidos na Q7, os quais demonstraram que para a maioria dos professores (16 participantes) não haveria uma idade específica para desenvolver atividades e conhecimentos sobre

sexualidade. Esse dado é relevante ao pensar que como sinalizam Pooli (2001), e Dahlberg, Moss e Pence (2003), a criança, desde seus anos iniciais na pré-escola, pode e deve receber informações tanto da família quanto da instituição escolar sobre temas relacionados à sexualidade, fornecendo assim orientações e informações que sejam importantes para o pleno convívio social; cabe ressaltar que será necessário dispender cuidados e adequar o ensino de maneira diferenciada para cada nível de desenvolvimento. Portanto, externa-se que a resposta obtida nessa questão condiz com literatura científica.

Os dois professores que responderam que haveria uma idade adequada, complementaram afirmando que a idade adequada seria aos 3 anos e para o outro participante a idade ideal seria por volta dos 5 anos, com temas básicos envolvendo higiene corporal. Ao pensar que cada criança tem seu tempo de percepção e que “não existe idade certa para perguntar. Uma criança falante e curiosa pode começar a demonstrar interesse pelo sexo aos 2-3 anos, mesmo sem o uso da palavra” (SUPLICY, 1990, p. 36) e, ainda, que todos já tinham afirmado em questão anterior que o trabalho envolvendo sexualidade não afeta a inocência das crianças, cabe indagar os motivos que levaram esses participantes a sugerirem as respectivas idades como sendo as mais adequadas para desenvolver a temática da sexualidade, pois sabem que falar sobre sexualidade não afetará nem a inocência nem o comportamento da criança, não há idade adequada nem temas básicos.

No GRÁFICO 3, pode-se observar os dados obtidos a partir das questões 8, 9 e 10. A questão 8 (Q8), intui investigar como os professores avaliavam a importância de desenvolver o tema sexualidade no contexto da Educação Infantil. Apenas três professores expressaram que seria de alta importância, sendo que 15 expressaram o entendimento de que o trabalho seria de média importância.

Gráfico 3- Planejamento de conteúdo envolvendo sexualidade



Fonte: Elaboração própria

Cabe retomar os dados obtidos na Q3, quando a expressiva maioria dos professores afirmou ter conhecimento de que as questões e debates afeitos à sexualidade estariam presentes nos documentos que norteiam a prática da docência no Ensino Infantil. Assim sendo, se para o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p.17), “a sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com o prazer, necessidade fundamental dos seres humanos”, pode-se sugerir que os professores ou desconhecem tais documentos ou, no mínimo, ignoram o teor dos mesmos para o trato pedagógico de conteúdos que dizem respeito à sexualidade e a Orientação Sexual de alunos nesse nível de ensino.

Já na Q9, pode-se verificar que a grande maioria dos professores (15) disseram não planejar aulas para discutir, compreender, estudar e problematizar conhecimentos e assuntos relacionados à sexualidade. Ademais, apenas três professores responderam que planejavam apenas uma aula por semana relacionada à temática em questão. Para Figueiró (2009, p. 98), as ações envolvendo Orientação Sexual traduzem-se como “uma tarefa complexa, que envolve dificuldades e requer planejamento e preparo do educador” e, por esse viés, assevera-se o quadro identificado por meio da presente pesquisa, cenário que demonstrou com clareza que os participantes não planejam aulas para discutir e ensinar conteúdos sobre sexualidade com seus alunos.

Segundo Maistro (2009), o planejamento semanal envolvendo um projeto de educação sexual, compreende uma estratégia de ensino-aprendizagem salutar dentro da prática educativa e objetiva desenvolver estratégias metodológicas que valorizem a participação e relação professor-aluno, permitindo adentrar em temas e investigações que abordem temas ou problemas existentes no cotidiano, a exemplo da sexualidade. Ademais, os resultados obtidos demonstram um descompasso com as respostas obtidas em outros momentos da aplicação do Questionário, quando os professores afirmam que as crianças fazem perguntas sobre diversos assuntos que incidem sobre a sexualidade e que constantemente estão conversando sobre isso nas aulas (questões 10 e 11).

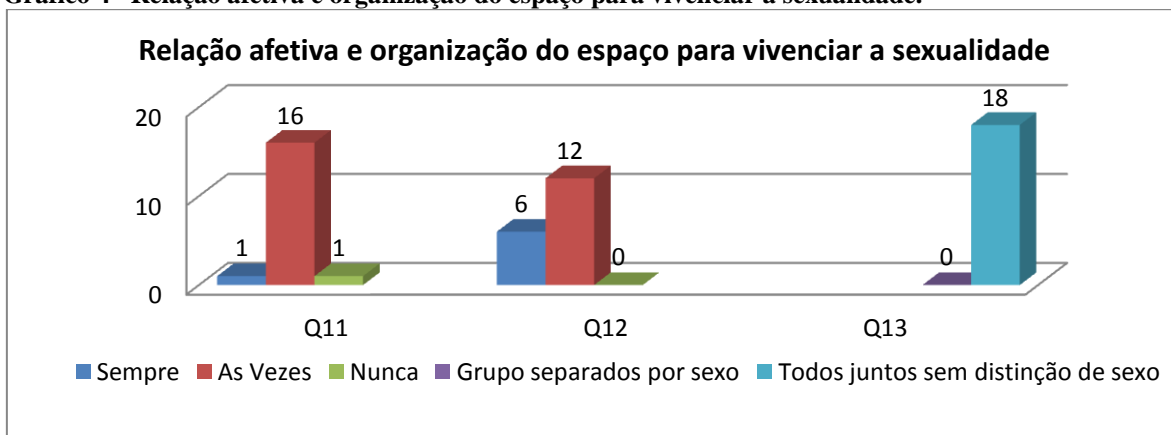
É possível observar um desalinhamento com as respostas obtidas na questão anterior (Q8), que investigou o nível de importância atribuída aos trabalhos cujo assunto central era sexualidade, pois responderam que seria de grande e média importância. Diante disso, cabe criticar os motivos que levaram os professores a entenderem a importância da sexualidade e a recusa em planejar e sistematizar aulas para tratar desse tema. Como podem conversar e problematizar essas questões com os alunos sem ao menos planejar, pensar em atividades e estratégias pedagógicas, jogos e brincadeiras com a finalidade de desenvolver de maneira didática e lúdica tais conteúdos.

Na questão 10 (Q10), pode-se observar a frequência com a qual os professores afirmaram conversar com seus alunos sobre assuntos relacionados à sexualidade. Tem-se assim que 14 responderam que conversam somente quando necessário, três responderam que conversam às vezes e apenas um respondeu que sempre conversava.

Faz-se necessário entender que as crianças devem ser envolvidas e compreendidas por meio de diálogos e que sejam inseridas nas tomadas de decisões, já que possuem voz própria e carecem de atenção, como afirmam Dahlberg, Moss e Pence (2003), ou seja, é preciso que o professor converse com seus alunos, e, para que haja uma boa comunicação é importante que seja de maneira clara, adequada e sem julgamentos de forma que possa responder aos seus anseios.

Nesse sentido, ao expressarem que dialogam com seus alunos durante as aulas, os professores contribuem para o processo formativo desses alunos, ao passo que Vinha (2000), atesta que isso possibilita entender a maneira como cada criança pensa e no concernente ao desenvolvimento de espaços para dialogar sobre sexualidade, identifica-se assim um “ambiente onde a criança sinta que esse assunto não é proibido” (SUPLICY, 1990, p. 35).

Gráfico 4 –Relação afetiva e organização do espaço para vivenciar a sexualidade.



Fonte: Elaboração própria

O GRÁFICO 4, apresenta os dados obtidos nas questões 11, 12 e 13. A questão 11 (Q11), verificou com que frequência os alunos fazem perguntas relacionadas à sexualidade. Nesse item 16 professores responderam que os alunos às vezes perguntavam, um respondeu que os alunos sempre perguntavam e um respondeu que nunca perguntavam. Segundo Vinha (2000), os questionamentos feitos pelos alunos traduzem a curiosidade e desejo de enfrentar e compreender o mundo dos adultos e tudo aquilo que os circundam e os adultos ao responderem a esses questionamentos devem levar em consideração a visão de mundo da criança e tentar adequar as exposições ao nível de compreensão dessa faixa etária.

Esse cenário também coaduna com o exposto por Müller e Kreutz (2001, p. 130), precisamente quando afirmam que, em geral, toda e qualquer criança “está muito interessada em conhecer-se a si mesmo e o mundo que a rodeia, e não é diferente no que se refere à sexualidade”.

A questão 12 (Q12), intuiu observar se durante as brincadeiras e atividades realizadas livremente os professores permitem relações de afeto, como abraços e carinhos entre os alunos. Assim, com relação às repostas obtidas, 12 participantes responderam que às vezes permitem e apenas seis responderam que essas manifestações sempre eram permitidas no curso das aulas.

A afetividade envolve manifestações e expressões que vão desde um simples toque, gesto de carinho e olhares afetuosos até o contato físico e/ou corporal, a exemplo de abraços, beijos, carinhos e outras trocas mais ou menos íntimas. Quando a afetividade é nutrida no

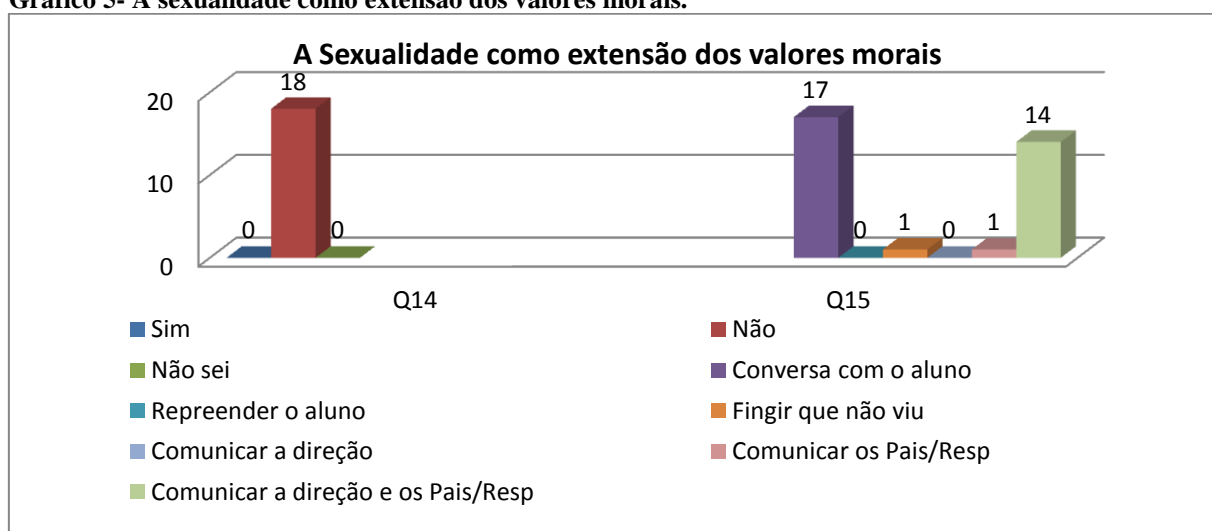
interior das aulas, a criança consegue lidar melhor com as expressões e emoções de maneira saudável, desenvolvendo a capacidade de amar e a alegria de viver (FIGUEIRÓ, 2009).

Dessa forma, ao expressarem que somente algumas vezes permitiam as trocas afetivas entre os alunos, a maioria dos professores pode estar desconsiderando o potencial humano, emocional e sensível que pode ser oferecido em atividades e momentos da aula em que as manifestações de afeto acontecem espontaneamente. Ademais, o desenvolvimento emocional e afetivo das crianças, segundo Leão (2009), é imprescindível em qualquer projeto ou estratégia pedagógica que tenha como foco desenvolver trabalhos voltados à Orientação Sexual.

Na questão 13 (Q13), obteve-se unanimidade nas respostas que incidiram sobre a organização dos grupos para desenvolver as rotinas de aulas. Todos os participantes disseram que deixam que os alunos brinquem e se relacionem livremente durante as aulas e, portanto, não há separação entre os sexos, fato que condiz com o que é abordado por autores do campo da Sexualidade. As crianças ao brincarem aprendem a se relacionar de maneira saudável, contribuindo para o bom desenvolvimento da sexualidade, ainda que entre meninas e meninos do mesmo sexo (SÁNCHEZ, 2009).

O professor precisa quebrar seu próprio preconceito e nas brincadeiras deixar que as crianças brinquem de maneira saudável e só intervir quando o comportamento for inadequado às normas de convívio escolar sem julgar o acontecimento, recriando novos valores e atitudes, com novas práticas educativas (BRASIL, 1998).

Gráfico 5- A sexualidade como extensão dos valores morais.



Fonte: Elaboração própria

O GRÁFICO 5, apresenta respostas obtidas nas questões 14 e 15. A questão 14 (Q14), investigou se na opinião dos professores as crianças ao brincarem com o corpo estariam despertando mais cedo para a sexualidade. Todos os professores responderam que não, o que evidencia que os professores compreendem a importância dos alunos explorarem e conhecerem seus próprios corpos. Ainda, para Pantoni, Piotto e Vitoria (2002, p. 69), “essas ações representam o interesse da criança pelo próprio corpo, uma forma de conhecer suas diferentes partes e as sensações que provocam”.

De acordo com Costa (1996), é entre a faixa etária que vai dos três aos seis anos de idade que a criança busca sua identidade sexual e essa caminhada envolvem o emprego de jogos sexuais e atividades de exploração do próprio corpo que muitas vezes não são compreendidos pelos adultos. A criança ao brincar com o próprio corpo pode apreender sensações únicas sobre si mesmas, expressando esse conhecimento e curiosidade na forma de brincadeiras e, assim, aprendem a lidar com seus sentimentos e percepções corporais (SILVA, 2007).

A questão 15 (Q15), analisou a atitude dos professores ao se deparar com um aluno se masturbando. Perante essa questão, três participantes responderam que apenas conversaria com a criança, um afirmou que fingiria não ter visto, um disse que comunicaria aos pais/responsável e a direção, um conversaria com a criança e comunicaria aos pais/responsáveis e a grande maioria (13) responderam que conversariam com a criança, comunicam os pais/responsável e também a direção da escola.

É importante que o professor tenha a clareza de que na Educação Infantil, como salienta Albertini (1997, p. 68), “a sexualidade é algo natural, presente e inevitável na vida (...) e não deve se assustar com as manifestações mais evidentes da sexualidade da criança”, promovendo diálogos com os pais e com as próprias crianças para que juntos possam projetar boas ações e intervenções perante a sexualidade dos alunos nesse nível de formação. Corroborando, assim, com Maistro (2009), quando afirma que a educação sexual já alguns anos adentrou na escola e foi assim incorporada de forma definitiva ao seu projeto político pedagógico, na medida em que se trata também de um tema central na vida das pessoas e sua discussão é especialmente relevante para a formação e desenvolvimento dos educandos.

8 Considerações Finais

Concluiu-se que a presente pesquisa pode atender aos objetivos que foram propostos, na medida em que conseguiu verificar como os professores no exercício da docência desenvolvem trabalhos relacionados à sexualidade. Ademais, foi possível verificar que as professoras têm conhecimento sobre a importância de desenvolver projetos, atividades e práticas envolvendo conteúdos relacionados à sexualidade no nível da Educação Infantil.

Pode-se compreender também que existe clareza entre os professores quanto a existência de documentos/textos legais e políticas na área de Educação que consubstanciam as ações voltadas à área da sexualidade em diálogo com a Educação Infantil.

Contudo, no concernente ao exercício da docência, em sua grande maioria, não planejam e/ou desenvolvem pedagogicamente aulas envolvendo dinâmicas, jogos e estratégias estreitos ao universo da sexualidade. Levando em consideração que o desenvolvimento sexual e o comportamento sexual humano se dão desde o nascimento e percorrem toda a nossa caminhada de vida, assevera-se que o profissional da educação precisa estar preparado para garantir o desenvolvimento pleno do ser humano para o exercício da cidadania, inclusive no campo da sexualidade.

O professor também precisa entender que os alunos, invariavelmente, recebem valores e ensinamentos sexuais por meio de suas próprias condutas e rotinas quando no exercício da docência, influenciando assim o aluno em suas formas de agir, sentir e se relacionar. Portanto, faz-se necessário refletir sobre a maneira de lidar com os educandos no cotidiano de sala de aula. Nesse sentido, é importante destacar que na busca pela formação continuada é salutar que os professores acessem capacitações, palestras, eventos, cursos e outros espaços para que possam ser capazes de lidar com conhecimentos, atividades pedagógicas, jogos e estratégias didáticas que tenham como temática central a sexualidade infantil e que objetivem uma Orientação Sexual enquanto um processo contínuo.

Por fim, sugere-se que novos estudos sejam desenvolvidos, inclusive com a participação de professores, funcionários, gestores e familiares, para que possamos avançar na questão do desenvolvimento e do entendimento da sexualidade no seio da Educação Infantil, diminuindo preconceitos, estigmas e equívocos que ainda teimam em visitar as práticas e vivências escolares.

Referências

ALBERTINI, P. A sexualidade e o processo educativo: uma análise inspirada no referencial reichiano. In: AQUINO, J. G. **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas.**São Paulo: Summus,1997, p.53-70.

BEDIN, R. C.; MUZZETI, L. R.; RIBEIRO, P. R. M.. Sexo, sociedade e educação sexual no Brasil a partir de um estudo historiográfico. In: MARTIN, S. A. F.; GUIBU, G. Y. (Org.). **Educação em saúde: formação para atenção às vulnerabilidades de crianças, adolescentes e jovens em espaços educacionais.** São Paulo: Prefeitura Municipal de Presidente Prudente, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial curricular para educação infantil: formação pessoal e social.** Brasília, 1998.v. 2.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais e ética.** Brasília, 1997. v. 8.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual: temas transversais.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.v. 10.

COSTA, M. **Sexualidade na adolescência.** 9.ed.Porto Alegre: L&PM,1996.

DAHLBERG, G.; MOSS, P.; PENCE, A. **Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas.** Tradução Magna França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: em busca de mudanças.** Londrina: UEL, 2009. Disponível em:<http://www.cepac.org.br/blog/wpcontent/uploads/2011/07/Educacao_Sexual_Em_Busca_de_Mudancas.pdf>. Acesso em: 11 set. 2014.

_____. **A formação de educadores sexuais.** Londrina:Universidade Estadual de Londrina, 2006. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2004/anaisEvento/Documentos/MR/MR-CI0163.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2014.

_____. **Homossexualidade e educação sexual: construindo o respeito à diversidade.** Londrina: UEL, 2007. Disponível em: <http://www.maryneidefigueiro.com.br/pdf/HOMOSSEXUALIDADE_E_EDUCACAO_SEXUAL.pdf>. Acesso em: 7 set. 2014.

FOUCAULT, M.**História da sexualidade II: o uso dos prazeres.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

GARTON, S. **História da sexualidade: da Antiguidade à revolução sexual.** Tradução de Mário Félix. Lisboa: Editorial Estampa, 2009.

GOLDANI, A. M. As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação. **Revista Travessia do Centro de Estudos Migratório**, Campinas, n. 1, 1993. Disponível em: <<http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.ifch.unicamp.br.pagu/files/pagu01.06.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2014.

LEÃO, A. M. C. **Estudo analítico-descritivo do curso de pedagogia da UNESP-Araraquara quanto a inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos**. 343p. 2009. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2009. Disponível em: <http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/cp115764.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2014.

MAIO, E. R.; ROSA, C. M. A. C.; MENDONÇA, S. Formação de educadores: contribuições do NUDISEX. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, São Paulo, v.15, n. 1, p.131-141, 2011.

MAISTRO, V. I. A. Desafios para a elaboração de projetos de educação sexual na escola. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: em busca de mudanças**. Londrina: UEL, 2009. Disponível em: <http://www.cepac.org.br/blog/wpcontent/uploads/2011/07/Educacao_Sexual_Em_Busca_de_Mudancas.pdf>. Acesso em: 7 set. 2014.

MÜLLER, A.; KREUTZ, C. M. A sexualidade da criança da educação infantil: desenvolvimento e aspectos educacionais. In: ROMAN, E.; STEYER, V. E. **A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil: um retrato multifacetado**. Canoas: Ed. ULBRA, 2001. p. 130-141.

PANTONI, R. V.; PIOTTO, D. C.; VITORIA, T. Questões sobre sexualidade na creche e pré-escola. In: ROSSETE-FERREIRA, M. C.; MELLO, A. M.; VITORIA, T.; GOSUEN A.; CHAGURI, A.C. **Os fazeres na educação infantil**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

POOLI, J. P. Quando “um outro” se torna muitos outros”: da família à escola, a complexidade da descoberta do mundo social. In: ROMAN, E.; STEYER, V. E. **A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil: um retrato multifacetado**. Canoas: Ed. ULBRA, 2001. p. 99-107.

RIBEIRO, P. R. C., SOUZA, N. G. S., SOUZA, D. O. **Sexualidade na sala de aula: pedagogias escolares de professoras das séries iniciais do ensino fundamental**. Revista estudos feministas. Florianópolis. Copyright, v.12, p 109-129, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000100006> Acesso em: 24 ago. 2014.

SÁNCHEZ, F. L. **Homossexualidade e família: novas estruturas**. Tradução Carlos Henrique Lucas Lima. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SAYÃO, Y. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, Julio G. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr>>. Acesso em: 22 set. 2014.

SILVA, M. C. P. **Sexualidade começa na infância**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

SUPLICY, M. **Conversando sobre sexo**. 16. ed. rev. e ampl. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

VILELAS, J. **Investigação**: o processo de construção do conhecimento. Lisboa: Edições Sílabo, 2009.

VINHA, T. P. **O educador e a moralidade infantil**: uma visão construtivista. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2000. Disponível em: <=&id=w8bedwPuSnIC&oi=fnd&pg=PA107&dq=sexualidade+na+educa>. Acesso em: 24 ago. 2014.